



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

**EXPERIÊNCIAS  
NARRATIVAS NA CIDADE:  
QUANDO LAGARTO  
ENCONTRA A UFS.**

**ENCONTRO DA CIDADE  
LAGARTO E A UFS**

Relatório Final  
Período da bolsa: de agosto de 2020 a agosto de 2021

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica  
PICVOL

# SUMÁRIO

- 1. Introdução**
- 2. Objetivos**
- 3. Metodologia**
- 4. Resultados e discussões**
- 5. Conclusões**
- 6. Referências bibliográficas**

*Das coisas que fiz a metro  
todos saberão  
quantos quilômetros são.  
Aqueles em centímetros  
sentimentos mínimos  
ímpetos infinitos  
3 não?  
Paulo Leminski*

## Introdução

Este trabalho é parte do processo do projeto de pesquisa que busca investigar o encontro da cidade de Lagarto com a Universidade Federal de Sergipe. Peguei carona nessa sondagem através de uma amiga muito querida, que me contou sobre a seleção, sabendo de meu desejo em participar de uma iniciação científica.

Como aluna do curso de Psicologia de São Cristóvão, até então não havia me deparado com uma iniciativa que propusesse pensar os modos de viver citadinos e as interferências que determinados espaços geram, tanto no próprio espaço quanto nas pessoas. Ainda mais fazendo estas reflexões em aliança com pensadores e artistas como Michel Foucault, Walter Benjamin, Clarice Lispector, Eduardo Coutinho, Ítalo Calvino, Mia Couto e tantos outros.

A questão do encontro de uma universidade com uma cidade pode parecer estranha numa primeira mirada. Como uma instituição pode viver um “encontro” com um lugar? Seria oportuno dizer, então, que as coisas, lugares, os seres aparentemente inanimados também possuem modos de provocar certas interrupções nos caminhos que vinham sendo trilhados pelas pessoas, levando estas a criarem atalhos ou mesmo outros caminhos que antes não imaginavam. Assim acontece e acontecerá, com tudo o que existe.

No caso desse estudo o que se quer investigar são os modos de ser, de estar e agir nas ruas e entre as pessoas, que são transformados na cidade de Lagarto depois da instalação de um campus universitário todo voltado para a área da saúde. Quais impressões, pensamentos, jeitos de ver as mudanças e de resistir ou não a elas? O crescimento populacional, a alta de preços, a presença de alunos nos postos de saúde, nas casas das famílias a perguntarem sobre os estilos e hábitos de vida... tudo isso, acreditamos, cria uma atmosfera de atritos mas também de parcerias, e traz para os que vivem na cidade e nos povoados uma perspectiva distintas da que até então existia.

O problema que nos debruçamos, especificamente, é o do trânsito desses corpos e ideias, tanto os que compõem a instituição federal de ensino, quanto os que constituem Lagarto, e quais são os pontos ou linhas em que tais corpos paralisam, se dobram ou dobram o outro. Ou seja, quais os movimentos que acontecem, que aconteceram ou que estão em vias de acontecer que mobilizam a UFS e a cidade de Lagarto.

A pesquisa, por se tratar de um radar à procura de histórias que sejam vendáveis a varrer a poeira e trazer novos ares, buscou narrativas do passado mais remoto, num período que se convencionou chamar o nascimento da cidade, mas que não necessariamente significa o início, já que o espaço, as pessoas e as coisas, os bichos e rios sempre estiveram aí. Mas, principalmente, nossa curiosidade se direcionou para o processo de

instalação da Universidade Federal de Sergipe, e a relação desta instituição com a cidade.

O tempo mais atual, portanto, é o foco deste trabalho. Em que pese uma escolha ética de fazer das experiências do agora, reflexos do que foi vivido e não finda no passado. Então, a despeito de uma historiografia que define “marcos temporais”, estamos acompanhando alguns processos que a nós interessam pela força possuem, pela potência geradora de escapes para o que vivemos hoje, aonde quer que estejamos. Algumas escolhas fizemos deliberadamente. Outras, são efeitos dos encontros e das possibilidades que tivemos ao nosso alcance. Tivemos que nos ver com a impossibilidade do encontro em “carne e osso” com os participantes dessa pesquisa. Porém não foi enfraquecido de todo o valor de encontro, no sentido forte do termo, as entrevistas transcorreram como que por um calor que já existia entre os participantes e o orientador, o que enriqueceu ainda mais as narrativas.

Lidaremos aqui com uma pesquisa que mudou seu percurso devido à Pandemia de Covid-19, que transformou as relações e é hoje o principal motivo de muitas reviravoltas. Também nós precisamos remexer as estratégias de contato com a cidade de Lagarto, transmutando a deriva pelas ruas dos bairros e povoados em conversas via plataformas digitais. O resultado é o que vocês lerão abaixo.

## Objetivos

### Objetivo Geral:

Produzir problematizações e interpelações acerca dos modos de subjetivação no presente, a partir de experiências narrativas na cidade de Lagarto.

### Objetivos Específicos:

1. Levantar fatos e informações sobre a constituição de Lagarto enquanto cidade;
2. Levantar fatos e informações sobre a implantação do campus da UFS em Lagarto;
3. Produzir material narrativo sobre a cidade de Lagarto e seu encontro com UFS.

## Metodologia

Temos história, cidade e experiência como conceitos norteadores da pesquisa, são essas três noções que atravessam desde sua concepção à sua realização. Para pensarmos história, nos utilizamos fundamentalmente do pensamento de Walter Benjamin<sup>1</sup>, alemão ensaísta, filósofo e crítico literário que influenciou a Escola de Frankfurt, lugar de profícua produção da chamada Teoria Crítica. Assim ela é nomeada pois se contrapõe à suposta neutralidade da Teoria Tradicional em relação aos diversos assuntos tanto das humanidades quanto das ciências exatas e da natureza. Benjamin é, para nós, referência em história pois sua posição em relação à ela é marcadamente política e deixa explícito seu posicionamento em favor da construção de histórias menores, que contem fatos menores de resistência frente às investidas disciplinares e autoritárias sobre a vida. Justamente essas narrativas menores são as mais possíveis

---

<sup>1</sup> As informações aqui postas são de autoria de Michael Löwy, e foram coletadas em reportagem do site *Outras Palavras*, que poder ser encontrada através do link <https://outraspalavras.net/outrasmidias/80-anos-sem-walter-benjamin-9-teses-sobre-ele/>.

diante de um poder cuja lógica capitalista sempre possui escaladas de intensidade em intervalos de tempo cada vez mais curtos. É também por esta posição politizada e esclarecida que Benjamin desenvolve, ao longo de sua produção de pensamento, as teses sobre o conceito de história como algo que deve criar desvios nas narrativas grandiloqüentes de heróis e finais felizes (BENJAMIN, p. 222 1940).

Benjamin (1933; 1940) em seus textos *Experiência e pobreza* e *Sobre o conceito de História* é antes um criador que um historiador, nos termos retos e “bem intencionados” da historiografia tradicional. Esta que esconde o fato de ser também criadora de histórias, que almeja alcançar naqueles que leem seus livros o status de verdade inquestionável, com tramas entre as personagens da política institucional, da revoluções e dos grandes capitalistas que têm começo, meio e fim. Tudo dá-se como previamente planejado para acontecer como aconteceu, desde o princípio; como se não houvesse quem desafiasse a suposta impassibilidade das maquinações dos poderes e das leis. Uma história homogênea, linear, sem acidentes.

No outro lado, bem distante disso, este pensador é um entusiasta das pequenas histórias, das pessoas que não ganham páginas nas publicações “oficiais”. Ele nos instiga, nesta pesquisa, a dar voz à polifonia das cidades, à escrever a partir de “causos” que circulam pelas ruas, à experienciar o que é estar nas ruas, o que é ouvir o que as pessoas comuns têm a dizer sobre a vida, e de escrever a partir dessas pequenas narrativas.

É preciso também fazer notar que Walter Benjamin possui esta relação viva com a história, não pelo fato de se regozijar com narrativas apenas, mas porque acredita que é nas relações que o presente estabelece com o passado que podemos encontrar as maneiras de agir no presente, para o presente. Agir de modo a transformá-lo. Transformá-lo para manter o que de humanidade, beleza e força há nas pessoas.

Para compreender de modo mais elaborado o que Benjamin (1940) nos oferece, lemos Gagnebin (2003) e Larrosa (2002). Ambos autores contribuíram enormemente para tal tarefa nem sempre simples de entender e praticar o pensamento dessa nossa querida referência.

Também lemos o que Michel Foucault (1971) têm a dizer sobre a história. Em seu texto *Nietzsche, a Genealogia e a História*, este pensador vai destacar o caráter não linear, não essencialmente interessado com aspectos úteis, marca as singularidades dos acontecimentos e a necessidade de espreita-los para enxergar neles aquilo que a História Tradicional se recusa a fazer, que é desenhar a lenta curva do desenrolar dos acontecimentos, ver nas lacunas os sentimentos, as consciências e os instintos como também efeitos da história. Envolve fazer uma genealogia. O que, por sua vez, exige paciência e fundamentalmente a construção de pequenas verdades não aparentes. Exige procedimento severo para apreender os múltiplos elementos que constituem os acontecimentos, é um carnaval organizado<sup>2</sup>. Porém, é cinza, porque nebulosa, difícil de investigar<sup>3</sup>, envolve acasos e desvios imprevisíveis. “Em suma, uma certa obstinação na erudição” (FOUCAULT, 1971, p.73), nas palavras do autor.

Para entendermos melhor o conceito de história também vimos Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2004), *A história em jogo: Atuação de Michael Foucault no campo da historiografia*. Nele podemos ler que a história praticada como genealogia “restabelece os diversos sistemas de submissão: não o jogo casual das dominações” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2004, p.82) e, neste caso, atentamo-nos para o poder que das forças que ingressam em um campo de luta e as suas matérias de expressão, o arquivo discursivo que essas forças tomam para si, dando formas às suas reivindicações.

---

<sup>2</sup> Expressão do orientador Helmir Rodrigues usada durante uma reunião.

<sup>3</sup> Frase dita pelo parceiro de pesquisa Mateus Brandão.

A cidade, como conceito, é outro ponto que trabalhamos durante esta pesquisa. Parece estranho citar uma coisa já naturalizada em nossas mentes. Mas não se trata do termo comum que usamos para designar um lugar apenas. Ora, a cidade seria, nesse caso, uma construção de relações entre espaços, modos de transitar entre eles, de agir sobre eles, que se dá em determinado momento da história, perpassado por forças sociais, econômicas, culturais etc. Ainda mais estranho é falar dos lugares como agentes, pois nos parece, à primeira vista, que o que existem são pessoas que habitam espaços prontos, como que arquitetados espontaneamente. Já podemos notar, então, que essa perspectiva é perigosa, pois quer-se fazer compreender como única e desvencilhada de um contexto histórico e capaz de tudo controlar. Naturalizada, acaba por materializar limites das experiências na e da cidade, mas felizmente, não é capaz de disciplinar tudo o que se passa, o que acontece nas miudezas da vida. Essas miudezas ganham forma quando não naturalizamos os espaços construídos, nos lembrando de que eles são fruto de um modo de pensar e jogar com os poderes e saberes de um período histórico que constituem as cidades.

As cidades são efeitos de determinados modos de pensar o corpo e o sujeitos (SENNETT, 1943). Para pensar a cidade lemos, principalmente Foucault, quando este escreve sobre as heterotopias<sup>4</sup> e sobre territórios urbanos e sua relação com as polícias médicas no contexto da modernidade europeia. As heterotopias são os lugares reais (opostos, por isso, das utopias). Possuem um efeito de retorno, de vermos as relações tal como elas se apresentam em suas faces mais cruéis e duras. Assim, uma biblioteca, como exemplo, é um espaço de muitas realidades, de muitos retornos sobre o que é a humanidade e tudo em geral. Ela é também um lugar que evidencia uma distinção dura entre os que sabem ler e o que não sabem, entre os bem vestidos que podem se dar tempo de ler, e os que não podem, logo ali, em sua entrada já existe uma expectativa de que quem entre faça silêncio, seja polido, tenha cadastro, vá somente para ler. São espaços, portanto, que evidenciam os conflitos, que rompem verdades supostamente limpas e fixadas sobre as realidades.

Também lemos a primeira conferência do livro *Segurança, território e População* (1978). Nela, o francês discorre sobre os conceitos de *governamentalidade* e *biopolítica* tão caros de sua filosofia sociológica. A principal noção desta conferência, para nós, é a de que existe por parte dos poderes que gerem a população forte disciplinamento das atitudes, dos modos de existir - e a própria construção da ideia de população é sintoma disso. Isso porque é necessário, para um controle das movimentações, dos fluxos de pessoas e coisas pela cidade para que haja previsibilidade das ações assim se efetue o manejo do capital simbólico e humano disponível para o fortalecimento dos Estados-nação. Também nos munimos de leituras como Baptista (1999), Calvino (1990), Santos (1988), Sennett (2003) e Rodrigues (2018). Leituras estas que foram peças fundamentais no jogo com os conceitos e palavras sobre a cidade.

Por fim, a experiência também é parte da constelação de conceitos que nos moveram, sendo talvez a que mais afetivamente acertou esta iniciante a pesquisadora. Isto por se referir à experiência em si, no que ela guarda de potente e no que faz vibrar os encontros, pelo que este conceito faz encaminhar as mudanças do pensamento e da ação. Sobre o conceito, Jorge Larrosa Bondía 'nos' presenteou com seu belo texto intitulado *Notas Sobre a experiência e o saber da experiência* (2002), fazendo pulsar o que já existia desde o início da pesquisa. Este texto nos faz perceber a importância de

---

<sup>4</sup> Foucault apresenta sua ideia de heterotopia na conferência proferida no *Cercle d'Études architecturales* em 14 de março de 1967, publicada originalmente em *Architecture, Mouvement, continuité*, n.5, outubro 1984, p.46-9. Esta pesquisadora agradece a bela tradução feita por Ana Cristina Arantes Nasser na revista *Estudos Avançados*, vol.27 no.79 São Paulo, 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>

encontrar as forças que nos tiram dos lugares comuns, que nos interpelam diante de nossos preconceitos apressados e da proposta inicial da pesquisa de proporcionar interferências no modo de vida cidadão. A experiência requer, para ele, que interrompemos o fluxo acelerado das informações que são, cada vez mais, cotidianamente consumidas e descartadas. Requer também que suspendamos os juízos, que nos demorem nos detalhes com atenção e delicadeza. Aquele que experiencia se vê derrubado, exposto às vivências de modo a se deixar transformar por elas. Assim, o sujeito da experiência é o oposto do sujeito do saber, do poder, daquele que julga e daquele que quer realizar sem antes esperar o tempo de decantação das percepções, pensamentos e sentimentos.

O autor ainda conceitua e diferencia, no mesmo texto, o saber da experiência. Segundo ele, esta fundamenta uma ordem epistemológica e ética que seria, em outras palavras, uma mediação entre saber e *práxis*. A experiência media o saber e a vida, é o que se adquire ao longo da vida no modo como vamos atribuindo valores ao que nos acontece. Não se trata de uma postura verdadeira sobre as coisas, mas dos sentidos e não-sentidos que nos acontecem. Assim, o saber da experiência possui limites, é finito, e está intimamente ligado a uma existência, é singular. Penso que isto diz, por exemplo, a respeito do caráter provisório e pessoal que este presente trabalho possui. Esta noção de serve como material basilar da pesquisa.

Sobre as formas que encontramos de realizá-la, primeiramente esta pesquisa tinha como estratégias metodológicas, prévias, a aposta em visitas à cidade de Lagarto, deambulações pelas ruas que aconteceriam periodicamente. Estas visitas *in loco* seriam a base para a construção das narrativas, que seriam produzidas a partir dos encontros com transeuntes, já que esta iniciante a pesquisadora não conhecia a cidade de Lagarto. Contudo, devido às restrições de circulação e fechamento do comércio no início da pandemia de Covid-19, a metodologia teve de ser modificada, adaptada para as novas condições o professor-orientador Helmir Rodrigues transformou conversas que aconteceriam corpo-a-corpo por entrevistas realizadas *online*. Houve o impasse: como pesquisar sobre experiências na cidade sem ir presencialmente no locus pretendido? Como alguém que sequer esteve nessa cidade poderia falar sobre ela?

A estratégia pensada partiu da ideia de que essa pesquisadora iria conhecer a cidade, parte de seu presente no seu encontro com a universidade, a partir do que os outros, moradores fixos ou passageiros, narrassem. Desse modo, enxergamos a entrevista como uma ferramenta potente, como uma experiência. Isto porque, como vimos acima, a experiência precisa do encontro, da prática. Prática aqui entendida como uma prática da criação de significados, sugerida pelas conversas sobre temas profundos e superficiais da existência humana, tais como a relação que se dá entre nós e os espaços, nós e outras pessoas que pertencem à estes espaços. A ideia de pertença aqui como o que nos constitui, que nos constrói no tempo dilatado da convivência, mais do que propriamente uma aliança por adjetivos que classificam e organizam os seres.

Assim sendo, nada melhor do que encontros para conversas, experimentação dos sentidos colocados, criados por distintas pessoas, de variadas pertenças em relação à classe, gênero, cor de pele, etc. Atentos ao que essas pertenças têm de forte e belo, mais do que o que elas trazem de informação sobre a vida dessas pessoas.

Para manter o objetivo de criação das histórias, organizamos no território da cidade conversas com pessoas que habitam, trabalham ou trabalharam na universidade. Nosso desejo era tentar o máximo experienciar coisas que nos inquietassem, que trouxessem o estranho no que é familiar, esvaziando ideias preconcebidas e que ao abrir esse espaço antes ocupado por imagens estagnadas, desse-nos abertura à novos sentidos de habitar e relacionar-se com os conceitos que trouxemos na bagagem.

As entrevistas foram realizadas via plataforma *Googlemeet* com dez entrevistados escolhidos por conveniência (proximidade com os entrevistadores) e convidados através

de email cedido pela instituição ou pelos próprios participantes ao serem convidados via telefone. O público-alvo das entrevistas serão pessoas residentes na cidade de Lagarto, maior de 18 anos, de ambos os sexos e sem distinção de recorte de cor, socioeconômico e/ou étnico. Estimávamos realizar 10 (dez) entrevistas com pessoas distintas, que tenham ou não relação direta com a Universidade Federal de Sergipe, realizando o seguinte recorte: estudantes da UFS nascidos e residentes em Lagarto; estudantes da UFS oriundos de outra cidade, mas residentes em Lagarto; Servidores da UFS Lagarto; Pessoas residentes em Lagarto em diferentes partes da cidade (região urbana ou rural); e Trabalhadores dos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (uma vez que todos os cursos da UFS, em todos os seus ciclos, estão presentes na Rede Municipal de Saúde, por meio das atividades curriculares e extracurriculares).

A base da entrevista foi de perguntas previamente formuladas<sup>5</sup> e outras que surgiam no desenrolar das conversas, sempre com o intuito de encontrar elementos narrativos que fossem marcantes para a construção das histórias. Para todos foi perguntado: “Sabe explicar o porquê do nome da cidade?” “Qual a sua relação com a cidade? Qual a sua relação com a rua? “O que você acha da UFS em Lagarto?” “Qual a relação que você tem com a UFS?” “Qual a relação que a UFS consegue criar com a cidade?” “Você tem alguma história que envolva a UFS?” Para os que moram há pouco tempo em Lagarto será perguntado: “Como chegou em Lagarto, como é ser alguém de fora?”, “como foi a sua chegada na cidade?”, “como você se desloca para ir à UFS?”. Para os que moram há mais tempo ou nasceram na cidade: “Como ficou sabendo que a UFS chegaria na cidade?”, “quais foram as mudanças que você mais sente com relação a vinda da UFS para Lagarto?”.

A entrevista enquanto suporte de pesquisa é uma ferramenta muito utilizada e já bem fundamentada. Optamos por não transcrevê-las, mas nos utilizar dos elementos levantados por elas para construir livremente as narrativas que são os resultados dessa pesquisa. Como aposta ética de pesquisa procuramos nos atentar para o problema da construção de um roteiro de questões que não suscitasse no entrevistado exclusivamente sua história pessoal, mas o que nela há de comum com outras histórias do presente. O nosso desejo era conseguir alcançar nas pessoas falas justamente que dissessem sobre modos de resistência de uma subjetividade produzida em larga escala, para consumo e imediato descarte. O problema, para a gente, era fugir de sujeitos reconhecidamente históricos da cidade e galgar aos poucos narrativas pequenas, que dissessem das pessoas ainda não citadas nas conversas sobre a cidade e sua relação com a Universidade Federal de Sergipe.

O importante não está no responder às perguntas, em si, como se houvesse respostas certas ou erradas, mas no acompanhar os processos daquilo que narrado, em buscar nessas narrativas as linhas de força que as atravessam, caminhar junto aos instantes de ruptura, aos momentos de mudanças presentes na fala (TEDESCO; SADE; e CALIMAN, 2013).

De inspiração cartográfica<sup>6</sup>, procuramos através das entrevistas, uma participação mais ativa dos moradores e trabalhadores da UFS na construção do conhecimento proposta aqui, protagonizando suas histórias e fazendo-as encontrar com os conceitos e pensadores que nos acompanharam durante esse ano de leituras e conversas. Outra linha traçada aqui que pode-se dizer ser uma consequência da inclusão

---

<sup>5</sup> Este roteiro e o método estão conformes em relação à cessão de direitos sobre a imagem e som foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa UFS através CAAE nº 43321121.0.0000.5546

<sup>6</sup> Cartografia é um método formulado por Félix Guattari e Gilles Deleuze (1995) para utilização em pesquisas *Ad hoc*, caso a caso.

ativa dos entrevistados foi o estabelecimento de relações não-hierárquicas (PASSOS e KASTRUP, 2009) entre participantes e pesquisadores.

Alguns documentários de Eduardo Coutinho também foram uma inspiração tanto para o desenvolvimento das questões, como para uma determinada postura diante do entrevistado que optamos por adotar, sempre com perguntas abertas, dando brechas para interpretações e livre expressão de mais de um sentido, também deixando campo aberto para que os afetos ganhassem vida e tomassem a palavra do entrevistado. Pensamos num determinado enquadramento de nossos corpos, fundos mais neutros possíveis, a fim e não gerar imagens demasiadamente ruidosas, assim como optamos por roupas que não trouxessem muita informação.

Outra fonte de inspiração para o modo como nos voltamos aos participantes foi Luis Antonio Baptista (1999), quando este se refere a um tipo de escuta que deve-se evitar na clínica. Deste modo, buscamos nos atentar às próprias escutas surdas: escutas que por seu histórico de aprendizado naturalizam determinados enunciados e estranha outros, consente poder de verdade a depender de quem fala, de como se fala. O que é dito e a singularidade dos sentidos ali criado ao dizer se perde, em prol de uma técnica da escuta que filtra à procura de verdadeiros e falsos enunciados. Ao se perceber ouvindo desta forma, é interessante mudar, colocar-se presente e consciente de seus preconceitos, e abrir-se ao novo que cada pessoa traz.

#### Quanto à construção do corpo-pesquisadora

Penso que fui introduzida na pesquisa desde a divulgação da seleção por uma amiga de curso. Ela me falou do que se tratava e isso me instigou a pensar brevemente sobre alianças possíveis entre literatura, arte, arquitetura e saúde. Depois veio a seleção, em que tivemos que dizer o que nos vinha à cabeça quando pensávamos heterotopias, Foucault e cidade. Ali também me senti já constituindo imagens e ideias sobre a pesquisa, mesmo que bem precariamente, exercendo mais a imaginação, articulando coisas poucas que sabia sobre geografia, conflitos de poder e filosofia etc. Assim também o fiz ao escrever um parágrafo, o que foi parte do processo de seleção. De lá pra cá, muitas e sutis mudanças aconteceram. Do modo como comecei, desenhando o mapa de Lagarto na segunda página do diário da pesquisa, adicionando informações como número de habitantes, densidade demográfica, estradas, bairros, coordenadas geográficas, altitude, região, área, municípios vizinhos, partido da prefeitura, até agora,

Ainda não sabemos exatamente quais são as consequências corporais da informatização do nosso cotidiano. A relação cada vez mais acelerada do tempo com as atividades e estas, por sua vez, cada dia mais mediadas por aparelhos eletrônicos é um fenômeno recente, se pensado em escala do tempo histórico da humanidade. Mas podemos apostar que há forte associação entre nossos modos de operar dispositivos eletrônicos e uma certa produção de subjetividade marcada pela alta rotatividade de informação e consumo também acelerado desde objetos a emoções.

Nesse sentido, a construção do corpo-pesquisadora foi atravessada por vetores da realidade virtual, por ter sido a pesquisa adaptada para acontecer remotamente devido à pandemia de Covid-19. A experiência pode ser lida em primeira camada sob a chave da relação do corpo com os aparelhos eletrônicos, e de como esses aparelhos - principalmente o notebook, mas também o smartphone, com o compartilhamento de conteúdos da web via *Whatsapp*- de algum jeito interferem na forma de relacionar-se com o orientador e o parceiro de pesquisa, com os textos e com os entrevistados.

É preciso fazer nota a influência do método cartográfico também na construção deste corpo-pesquisadora. Aqui, um *reconhecimento atento* e uma *atenção flutuante*<sup>7</sup>.

## Resultados e discussão<sup>8</sup>

Primeira história: “Café com terra”.

Quem olhava de longe aquela bruma, não conseguia distinguir bem do que era feita. Apensar da cor de terra, ninguém podia entender que aquela névoa era o primeiro sinal da grande mudança que a cidade estava passando. O vento soprava e espalhava tudo aquilo para os quatro cantos da cidade. Até nos povoados tinha notícia de um céu diferente, de outro jeito. Fazia sombra e deixava tudo cinza, como um filme preto e branco.

Durou muito aquele céu, e as pessoas passaram a se acostumar com a nova cor. Uns diziam que Lagarto tinha sido a cidade escolhida, que a partir de agora só teria progresso. Outros, que as coisas iriam piorar, os preços iriam aumentar, e a violência também. Vieram uns homens da universidade explicar o ocorrido, e tentar sanar os problemas que a poeira estava causando no Loyola. Então, através deles os moradores souberam que agora o terreno do antigo sítio por onde passava o Rio Angola-Cachorro seria sede de grandes e quadrados prédios. Nesses prédios as pessoas iriam estudar assuntos da saúde, se graduar e trabalhar nos postinhos<sup>9</sup> e hospitais do País.

Curioso que uma coisa que traz desenvolvimento comece causando o que causava. O ar que se respirava nas redondezas parecia mais difícil de respirar. A gente puxava e parecia que não vinha nada. Depois vieram as tosses secas.

Os antigos dizem que no pulmão a gente guarda as memórias do antepassados, e as nossas também. Aquela poeira tava mudando as vidas de todo mundo. Se nos prédios que subiam devagar já estivessem os microscópios e toda parafernália de medicina, daria pra tirar pedacinhos do peito das pessoas e ver os sentimentos que giravam am torno da vinda da universidade pra Lagarto. Não era mais o mesmo. Tinha medo: o que seria dos que moravam há tanto tempo ali? Tinha também esperança: será que traria oportunidades? Ninguém mais voltava a lembrar o que sonhava. Nem lembrava mais as toadas do vaqueiro. Será que quem mora no Loyola poderia entrar na universidade? Não voltavam para o que tinham deixado. E poderiam quem sabe morar no condomínio que construíam ali?

Pouco a pouco aquelas minúsculas partes do chão do Loyola se assentavam na cidade. Agora, em cada bairro, tinha um punhado do Loyola. Do novo Loyola, revolvido e

---

<sup>7</sup> Referências que as autoras Passos e Kastrup trazem para o seu texto *Cartografar é traçar um plano comum*, vindos respectivamente de Bergson (1897) e Freud (1912). O texto pode ser encontrado em <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4942>.

<sup>8</sup> As narrativas foram escritas em parceria com Helmir Rodrigues e livremente inspiradas nas entrevistas, logo, não contém relação fidedigna com o que foi dito durante as conversas. Acerca da produção de histórias que contam sobre realidades, toma-se como inspiração Rodrigues (2019, p. 317) quando aponta que “(...) a despeito de ser ficcional, a pequena narrativa que se segue não é alheia aos *jogos de verdade* relativos à posição de subjetividade no empreendimento historiográfico (...)”.

<sup>9</sup> Como popularmente se nomeiam as Unidades Básicas de Saúde do SUS.

aplainado. Aquela terra era o resultado do pequeno monte que existia no sítio que havia ali. O monte tinha uma parte circundada pelo rio. Esse rio foi por muito tempo motivo de alegria de quem morava naquele sítio, mas hoje era o destino de esgoto das casas da comunidade e por um período também foi destino do esgoto sem tratamento da universidade. Hoje existe uma estação de saneamento, no terreno do campus, e o que eles descartam no rio é água já tratada.

Disseram que, certa vez, o diretor da faculdade foi até o bairro, porque precisava resolver algumas pendências. Ele entrou nas casas e foi apresentado à nova realidade dos moradores, que mostraram a grossa camada de terra que cobria tudo. Mesmo assim, foi bem recebido: até café tomou! Conversaram sobre a proposta de fazer daquele espaço uma universidade "sem muros". Como essa história de sem muros pode ser no sentido real se a primeira coisa construída foi o muro?

Mas o boato que se espalhou foi que só depois dessa visita o diretor resolveu colocar caminhões pipa pra abaixar a poeira levantada. Tanto tempo de canseira daquele pó que invadia a vida das pessoas, mudando a hora das tarefas, aquilo foi maquinando uma ideia na cabeça de Seu Colérico. Ele não perdeu a oportunidade de passar a experiência desagradável que todos ali estavam vivendo para o diretor. Assim, numa manhã fria lá estava o diretor, caminhando com seu Colérico pelas ruas do Loyola. O diretor ansiava pelo momento em que fariam uma pausa para tomarem café e conversarem mais informalmente. Para ele, nada do que havia ali lhe era estranho. Vindo de família humilde, se sentia à vontade para entrar e sair dos lugares, sabia como fazê-lo sem parecer intruso.

Finalmente chegaram na casa simples de Seu Colérico. Tudo estava bem organizado e, não fosse a poeira, tinha jeito de bem aseado. Lembrou-se da casa de seus pais, também no interior. Cumprimentou a esposa do anfitrião. Sentou-se à mesa um pouco encabulado, seu jeito tímido parecia ser uma forma de chegar nas pessoas com sabedoria. Enquanto esperavam o café passar, falaram sobre sua cidade natal, das proximidades e distâncias que ela possui com Lagarto. A esposa então serviu o diretor, depois o marido e saiu da sala. Colérico soprou o café, disse que esperaria esfriar e ficou olhando para o diretor. Este, com apetite, trouxe a xícara pra perto de si, gostava de café e de sentir seu cheiro antes de toma-lo. Notou que o aroma era diferente, tinha algo ali que lembrava terra. Prosseguiu o ritual, desconcertado e ao mesmo tempo escondendo o que percebera. Provava ali o gosto e o cheiro que tinham as coisas depois que a construção começou. Sentia uma força outra, estranha, que lhe tomava de sobressalto. Sabia ele que para além da terra-pó da construção, aquela poeira trazia forças de outros tempos, que invadem subitamente o presente, forças que sacodem a poeira da cidade, tramas conspiratórias da cidade. Era preciso jogar com elas.

## Discussão

A cidade resiste às invasões e dá seu recado nos conflitos com os poderes que teimam em querer ordená-la, controlá-la. Cidade aqui associada à personagem de seu Colérico. Esta personagem dá corpo e voz de um sentimento, de um pensamento que precisa se fazer presente não somente por palavras. Como escreveu Albuquerque Junior (2004): "só se faz história entrando no jogo de corpo e alma". Colérico entra no jogo com o elemento da terra no café. Imagem, gosto, cheiro que figuram sua vizinhança com a construção da instalação da universidade em seu bairro. Seu território é "maculado", modificado pelo acaso da doação de um terreno. Agora este terreno não é mais um sítio-espaço que faz sentir, à primeira vista, tranquilidade, horizonte aberto. Naquele momento

o bairro Loyola se transformava e passavam por essa transformação também seus contíguos.

Nos primeiros anos de levantamento dos prédios, podemos inferir que houve o conflito e transtorno de uma construção. Qualquer modificação traz desconfortos e se pensarmos numa modificação como esta, que revolveu o chão e levantou a poeira do passado de um sítio, que trouxe, conseqüentemente, essa atmosfera carregada e pó, os transtornos não precisam ser enumerados aqui. Durante dez anos o Loyola (e as demais partes da cidade) viveu e vive um processo de mudanças, tornou-se imediação de algo grande que é um campus universitário. Se antes era um bairro periférico pela relativa distância com o centro da cidade, agora torna-se periférico e ao mesmo tempo vizinho “pobre” de pelo menos duas construções “suntuosas”, a UFS e o condomínio Grand View.

Colérico dá a nota, o tom de sua conversação com o diretor: vocês, da universidade, precisam baixar a poeira. Precisamos que se lembrem de nós que aqui estamos há mais tempo que vocês. Isto é colocar suas cartas na mesa, mostrar o jogo que estava em curso e que não aparecia aos que iam embora do campus, depois de um dia cansativo e trabalho, e não sentia em suas camas o pegajento grudar da poeira.

A cidade que está a receber esta instalação necessita dar seu recado, o bairro e as pessoas que nele moram precisam de mais do que palavras entremeadas de acentuações e exclamações para conversarem com quem lhes está causando dores de cabeça. Tendo usado de mais meios que literalmente sensibilizassem o diretor, consegue que este mobilize caminhões-pipa que jogariam água na terra e tentasse assim anular o problema.

Neste caso, nossa pesquisa-intervenção aparece como meio de dar mais uma devolutiva. Se ela será lida pelas “partes”, isso já é outra história. A história aqui, a genealogia é nossa ferramenta analítica para práticas de resistência dos que se recusam a ser vitimados. Criar consistência no acontecimento, narrar é qualquer coisa entre contar e resignificar o narrado, abrir o que se conta para que outros e outras possam prosseguir a narrativa, levando-a a lugares onde não podemos alcançar. Em nosso caso, produzir histórias como objetivo de pesquisa é uma forma de romper os limites que a academia possui, construir limiares entre esse espaço universitário e o mundo. Como quando Benjamin (1934) escreve:

Em vez de perguntar: como se vincula uma obra com as relações de produção da época? É compatível com elas, e portanto reacionária, ou visa sua transformação, e portanto é revolucionária? - em vez dessa pergunta, ou pelo menos antes dela, gostaria de sugerir-vos outra. Antes, pois, de perguntar como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaria de perguntar: como ela se situa *dentro* dessas relações? Essa pergunta visa imediatamente a função exercida pela obra no interior das relações literárias de produção de uma época. Ela visa a técnica literária de obras. [...] Tretyakov distingue entre o escritor operativo e o informativo. A missão do primeiro não é relatar, mas combater, não ser espectador, mas participante ativo. (BENJAMIN, p. 122, 1985).

\*

\*

\*

E, como quer Laval (2018) ao escrever belamente sobre a existência e produção de pensamento de Foucault<sup>10</sup>, estamos apostando aqui na existência de um mundo onde não cabe a nós construir utopias, já que elas são opostas complementares da existência de um jeito de pensar, ou seja, já que elas carregam consigo heranças do mundo contra o qual lutam. O mundo, visto por uma certa episteme utópica, deixa de lado, apagado num canto, um espaço “indeterminado”, escuro, apagado, que seriam as impossibilidades de aplicabilidade do sonho. No caso de Foucault, e no nosso por consequência, a utopia é antes de tudo uma experiência, ela é vivida ao passo que se vai transformando os espaços e relações em que se vive. No caso de nossa pesquisa, as criações narrativas fazem o cerne de uma experiência utópica pela qual modificamos nossas subjetivações e as das leitoras e leitores abertos aos saberes que fazemos emergir e produzimos aqui. Cito Laval:

O saber enquanto algo historicamente descontínuo não é o acúmulo progressivo de conhecimentos, ele deve ser visto como estrutura epistêmica resultante de uma ruptura, que é pensada como uma experiência de transformação concomitante do objeto e do sujeito [...]. Trata-se, portanto, de reconstituir as experiências transgressivas que deram origem a esses campos de experiência que são os saberes, os quais fixaram por um tempo, concomitantemente, os domínios do cognoscível e os sujeitos do conhecimento. ( LAVAL, p.111, 2018).

Sobre os saberes, suas fixações e sujeitos, escrevemos uma segunda história...



Segunda história: "O olé de dona Astuta".

Andando de um lado pro outro ela encontrou dona Astuta, raizeira preta que a ajudou assentar o pouso na cidade de Lagarto. De primeira, não conversaram muito, se estranharam, na verdade. Ou melhor, uma estranhou a que estava chegando sabe lá de onde pra dar aula na universidade que se instalou por aquelas bandas.

Ela se conheceram no dia da feira. Roberta precisava encontrar a casa que alugaria para morar e pediu informação para Astuta. A velha achou graça daquela pessoa atabalhoada. Ao mesmo tempo que ia vendendo suas ervas, fazia conta, entregava o troco, sem prestar atenção nos clientes, cerrava os olhos pra focar a mulher. Quem via de longe, notava que ela estava perdida. Talvez até estivesse, pensava Roberta. Perdida, numa cidade que lhe é estranha. Perdida, mas com instrução. Era ela uma forasteira, não só por ter vindo de fora dali, mas porque era alguém que estava arriscando frente ao que

---

<sup>10</sup> Em *Foucault e a experiência utópica*, p. 107.

não conhecia, como um norte, como uma estratégia de viver a vida. Mas qual que nada! Ninguém, na pressa de um dia de feira, pra acudir. Roberta foi direto para barraca de dona Astuta. As duas conversaram um pouco, Roberta tomou um chá e saiu dali com uma amizade das boas.

Dona Astuta puxou assunto, perguntou o que a trazia para a cidade. Roberta explicou que era a UFS, em breve ia começar a dar aulas lá. "-UFS?" A primeira perguntou. "-Aaah, a universidade! -Disse, sem esperar resposta."- E já vai começar as aulas, é? Nem tava sabendo! Faz tempo que não ouço rádio, tanta notícia ruim, minha filha, quem aguenta?". Roberta tinha que concordar, a notícia ruim, em todas as cidades, era o carro-chefe dos noticiários. Os noticiários e seus modos de nos dar informações já prontas sobre os acontecimentos da vida. Explicações, verdades, como olhar, o que pensar...tudo já vinha pronto. Roberta não gostava disso – e pelo visto, Dona Astuta também não. Eram afeitas a ouvir e contar histórias, daquelas que começam com descrições sobre como se sucedeu as coisas a serem narradas. Gostavam mesmo de quando se esqueciam de si, de tanto contar, recontar ou ouvir uma história. E nem precisavam ficar explicando tudo, deixavam o fio da história sendo tecido, igual a mão de rendeira vai tecendo, que chega uma hora nem mais olha para o que está fazendo<sup>11</sup>. Mas eram histórias que ouviram desde crianças, dos mais velhos e que traziam consigo a força estranha de sempre nos fazer pensar, de nos desacomodar e nos jogar para outros caminhos que nem pensávamos ser possíveis.

Depois de uns meses de cultivo daquelas conversas sobre tantas e tantas coisas, a professora universitária chamaria a raizeira para encontros com alunos, diálogos que sempre tinham a saúde coletiva como tema. Roberta gostava de levar os alunos para aulas ao ar livre. Seu lugar preferido para isso era o Balneário que fica em frente à Universidade. O lugar era o único parque da cidade, bem arborizado, mas um pouco abandonado pelas autoridades. Tinha sido um clube no passado, e agora ao seu lado tinha um ponto de lava-carro, e poucas pessoas visitavam o lugar.

Sabendo que a professora gostava do Balneário, uma vez Astuta deu a ela de presente uma bonequinha de pano, preta, bem pequenina. Contou que naquele balneário, há muito tempo, sua mãe lavava roupas para as senhoras de classe alta da cidade. Era o jeito de sustentar a família. Ela, ainda pequena, tinha que acompanhar a mãe, não tinham dinheiro para babás. Depois de um dia cansativo de trabalho, a mãe lhe fazia uma bonequinha com os panos que soltavam das roupas, para entretê-la enquanto esperava secarem.

Ao ter a boneca nas mãos, Roberta sentiu naquele minúsculo emaranho de panos e linhas enfeitadas, uma força estranha. Algo que não sabia dizer o que era, mas que fez tremer seu corpo. Sentia a força de histórias de outros tempos, de um povo de pele escura, trazido à força para aquelas bandas. Povo preto escravizado, mas que mesmo sob a coleira de ferro, conspiravam nas senzalas, nas lutas dos capoeiras. E que fazia nas fugas suas comunidades. Ela, então, lembrou-se de uma história que escutara de uma de suas alunas sobre o rodopio, o torcer e retorcer do grupo folclórico Parafusos.

Dizia a tal história que esse grupo nasceu como forma de enfrentamento do povo preto, durante o período da escravidão, no Brasil Colonial-Imperial. Durante as noites de lua cheia, os pretos fujões furtavam as anáguas das sinhás penduradas ao relento<sup>12</sup>. Essa força da boneca preta, esse torcer e retorcer dos parafusos, nas suas estratégias de fuga, faziam Roberta pensar o quanto as forças do mundo escapam. Há um olhar que encontra

---

<sup>11</sup> Trecho criado aos estímulos do texto *O narrador*, de Walter Benjamin (1936).

<sup>12</sup> Uma história sobre os Parafusos pode ser lida na tese de doutorado de Camila Avelino *Os Sentidos da Liberdade: Trajetórias, Abolicionismo e Relações de Trabalho no Vale do Cotinguiba no Pós-abolicionismo (Sergipe 1880-1930)*, defendida em 2018.

frestas, que vê horizonte por elas e para elas entregam a própria vida, se preciso for. As cidades, as pessoas, com suas forças heterogêneas, podem ser inventadas. Sim, podem ser criadas, assim como uma boneca de pano preta saindo das mãos de uma mulher em direção à menina que precisa se distrair.

Outra vez, Astuta foi convidada para participar de um *comes e bebes* com alunos, para conversarem sobre alimentação saudável. Ela havia levado um refrigerante, e Roberta ficou desconcertada, sem saber o que dizer. Até que na hora de comerem, ela tomou coragem para falar que “refris” não eram exemplos de comida que faziam bem para a saúde. Então, Astuta explicou: “-Ah, você tá achando que esses aqui são refrigerantes normais? Esses eu mesma fiz, com chá de capim-limão, cidreira e tônica!”.

## Discussão

O saber da cidade já sabe o que é bom para si. Há uma sapiência das vozes da cidade em relação ao saber acadêmico. Este último carrega consigo uma expectativa, um pré-conceito de que os corpos da cidade pouco sabem de si próprios. O curso comum de uma determinada episteme acadêmica é o de pensar e ver as pessoas enquanto separadas dos saberes que seriam fundante da sociedade mundializada em que vivemos. Digo mundializada, porque parece haver uma universalização dos conceitos produzidos sobre o corpo, a mente. Isso desde os gregos antigos. Uma certa filosofia platônica da Idade Clássica ocidental parece ignorar a multiplicidade dos corpos e sua impermanência diante das adversidades e acasos próprios à toda matéria viva. Aqui vale citar Luiz Fuganti quando escreve:

Partimos das formações que se servem dos *mitos*, enquanto estes se efetuem nas *funções de soberania* dos Estados bárbaros- formações sociais mágico-religiosas do tipo despóticas-, passando pela emergência do Ocidente, caracterizada por alguns elementos e traços que compõem a cidade grega, cuja emergência no século VI a.C inaugura aquilo que entende-se por modo ‘civilizado’ de ser.

Com esse recorte no tempo e no espaço destacamos, simultaneamente, um acontecimento polarizador, divisor de águas, e o campo de combate onde se efetua o nascimento de um novo tipo de valores. Nesse sentido focalizamos alguns aspectos da obra platônica que colaboraram decisivamente para a solidificação de um modo de viver e pensar calcado na moral, na lei, na razão e no estado. Esse estilo de vida, aliado a inovações como as trazidas por Kant e Hegel no campo teórico, ainda é (cada vez mais) o dos nossos contemporâneos. ( FUGANTI, p. 7, 2017)

No curso ofertado no *Collège de France* sob o título de *Segurança, Território e População*, Foucault (1978) também se refere à esse horizonte de valores através do qual os poderes soberanos do estado moderno ocidental subjagam os saberes populares em nome de um pretenso conhecimento totalizante. Há, na aula de 25 de janeiro uma contextualização sobre certa construção dos modos de conduta em relação ao corpo quando da disseminação de algumas doenças na Europa moderna. Através das polícias sanitárias havia regulamentação de toque de recolher, além da vigilância sobre os cuidados higiênicos e asseios do espaço.

Não é pretensão nossa colocar as causas da supremacia do saber acadêmico neste período de alianças entre ciência, medicina e polícia. O pensador francês nos dá as pistas historiográficas de acontecimentos que a seu modo fortaleceram certas práticas e

modos de pensar enquanto subsume outras, marginalizadas, portanto, da construção de cientificista. Menos ainda é nossa intensão estabelecer uma atmosfera judicial onde acabaríamos por incriminar os poderes soberanos, sob o risco de criar desejos de utopias que desmobilizam afetos e ações. Contudo, é extremamente necessário e relevante que possamos criar uma genealogia dos modos de saber e fazer que nos constituem, a fim de honrar a contribuição que Foucault deixou como legado.

Ainda nos valendo de seu pensamento para historicizar o modo de gerir a saúde segundo a medicina, e a produção do medo exacerbado da violência, falaremos um pouco d'O *nascimento da medicina social*, conferência encontrada no *Microfísica do Poder*.

Nesta conferência ele dirá em linhas gerais, que a medicina tal como existe hoje no ocidente é um saber construído e aperfeiçoado em resposta às necessidades do poder soberano do estado em controlar as populações das jovens nações europeias. Sua tese mais conhecida aparece aqui e é, de certo modo, nerval para quase toda sua produção de pensamento rigorosa a cerca da sociedade capitalista. Para ele, o capitalismo fundou não uma certa individualização do fazer médico sobre seu objeto mas, justo o contrário: abriu as possibilidades de socialização do corpo enquanto ferramenta produtiva. Ele afirma que “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. [...] O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política” (FOUCAULT, 1978).

\*

\*

\*

Voltando à Fuganti, em sua contraposição entre o pensamento e *práxis* sedentários e o pensamento e *práxis* nômade, ele escreve:

Segundo Nietzsche, é na aurora da filosofia grega (século VI a.C) que se revela e celebra a aliança fecunda entre o pensamento e a vida. Para os pensadores pré-socráticos, o pensamento é inseparável de um modo de vida livre e de um corpo ativo e apaixonado<sup>13</sup> pelos elementos. Seria impossível para eles filosofarem por via abstrata, separando-se do corpo, pois o próprio corpo é feito de elementos que constituem também os objetos do pensamento. O objeto e a causa do corpo e o objeto e causa do pensamento são um só: a natureza (*physis*). (FUGANTI, p.30, 2017)

O nomadismo das posições dos saberes localizados, saberes das ruas, este dá testemunho de experiências outras, que rompem algumas tradições e mantêm outras.

---

<sup>13</sup> Paixão aqui referida a *pathos*, à *qualidade de experienciar os elementos da natureza enquanto constituintes de si Segundo o dicionário online da Oxford Languages: especialmente na antiga arte grega, qualidade do que é transiente ou emocional (por oposição ao permanente ou ideal).*

## Conclusão

Articular histórias do presente para narrar o que nele há de forte, e quais as suas relações com determinados aspectos do passado. Alinhados com o pensamento dos diversos pensadores que foram nossos intercessores, vimos a história enquanto ferramenta de análise da vida em seu aspecto estético e ético, buscamos nos aproximar do contexto atual mirando alguns pequenos movimentos, jeitos de corpo que criam fissuras no real.

Conclui-se que, se as entrevistas e as narrativas criadas a partir delas são um resultado de um processo, isso não significa que tal processo acabe aqui, com a entrega deste relatório. Se a força da composição no 'entre' pesquisadores e outros que não necessariamente são outros sujeitos, senão linhas traçadas pelo desejo, constituem a força deste trabalho, nossa aposta é a de que fizemos apenas dar continuidade ao processo de instalação da UFS em Lagarto. E tendo agora materializado ao menos duas narrativas, fazemos com elas um objeto no quadro de histórias entre a instituição e a cidade. Quadro que jamais deixará de ser pintado, que jamais acabará. Tais linhas existem virtual e atualmente, e acabam por influir nos modos de ocupar os espaços da cidade. Andar de uma determinada maneira, falar de outra e cambiar esses modos em diferentes situações, com distintas personagens, criando elos com as pessoas e com os espaços, com os sentimentos suscitados por eles, assim desejamos.

## Referências

ALBUQUERQUE, J. *A história em jogo: Atuação de Michael Foucault no campo da historiografia*. 2009.

AVELINO, Camila B.S. *Os Sentidos da Liberdade: Trajetórias, Abolicionismo e Relações de Trabalho no Vale do Cotinguiba no Pós-abolicionismo (Sergipe 1880-1930)*, Universidade Federal Fluminense, ICHF. Niterói. 2018.

BAPTISTA, Luis A. *A cidade dos sábios- Reflexões sobre a dinâmica social nas grandes cidades*. Summus, São Paulo. 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Editora Brasiliense S.A. São Paulo. 1985.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação. nº 19. 2002.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. Graal, Rio de Janeiro, 1989.

FOUCAULT, Michael. *Segurança, Território e População*. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

GAGNEBIN, Jeane-Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. Editora 34, São Paulo. 2006.

LAVAL, Cristian. *O enigma da revolta*. n-1. São Paulo, 2019.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. *Pistas do método da cartografia- experiência da pesquisa e o plano comum*. Sulina. Porto Alegre, 2009.

TEDESCO, Silvia H.; SADE, Christian; e CALIMAN, Luciana V. *A entrevista na experiência cartográfica: A experiência do dizer*. Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia - Vol. II. Fractal, Rev. Psicol. 25 (2). 2013. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200006>.

SANTOS, Nelson C. *A cidade como jogo de cartas*. Universidade Federal Fluminense-EDUFF, Niterói. Projeto Editores, São Paulo. 1988.